



Contextus – Revista Contemporânea de
Economia e Gestão
ISSN: 1678-2089
revistacontextus@ufc.br
Universidade Federal do Ceará
Brasil

Silva Oliveira, Josiane; Aparecida Pereira, Jaiane; David de Souza, Márcia Cristina
Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros
nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008
Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão, vol. 11, núm. 2, julio-diciembre, 2013, pp. 7-30
Universidade Federal do Ceará
Santiago, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=570765358002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008

Entrepreneurship, culture and diversity: the participation of black entrepreneurs in entrepreneurial activities in Brazil in the period 1990 to 2008

Josiane Silva Oliveira

Doutoranda em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Graduação e Mestrado em Administração pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)
oliveira.josianesilva@gmail.com

Contextus

ISSN 2178-9258

Organização: Comitê Científico Interinstitucional

Editor Científico: Marcelle Colares Oliveira

Avaliação: Double Blind Review pelo SEER/OJS

Revisão: Gramatical, normativa e de formatação

Recebimento: 15/08/2012

Aprovação: 27/12/2013

Jaiane Aparecida Pereira

Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)
profjaiane@yahoo.com.br

Márcia Cristina David de Souza

Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)
mcris.david@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a influência de fatores étnico-raciais no perfil dos empreendedores brasileiros. Considerando a complexidade da temática, o estudo limita-se aos aspectos das relações étnicas brasileiras focadas nas questões dos empreendedores negros. Para tanto, foram coletados dados sobre a participação dos negros nas atividades empreendedoras no país do ano de 1990 a 2008. Os resultados da pesquisa evidenciam aspectos de as relações étnicas brasileiras serem um obstáculo aos empreendedores negros para estabelecer e manter empreendimentos, influenciando as relações desses empreendedores com fornecedores, clientes, concorrentes e funcionários. Assim, a formação de redes de empreendedores negros pode ser uma alternativa de fortalecimento de atuação dessa população na economia, onde, além de auxiliar as atividades de comércio no mercado interno no Brasil, pode fomentar a internacionalização comercial proveniente de seus empreendimentos associados.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Cultura. Diversidade. Empreendedores Negros. Brasil.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the influence of ethnic and racial factors in the profile of Brazilian entrepreneurs. Considering the complexity of the subject, the study is limited to the aspects focused on the issues of ethnic relations of the black Brazilian entrepreneurs. For this purpose, data were collected on the participation of blacks in the entrepreneurial activities in the country from 1990 to 2008. The results highlight aspects of Brazilian ethnic relations which are an obstacle to black entrepreneurs to establish and maintain these enterprises influencing relations with suppliers, customers, competitors and employees. Thus, the formation of networks of black entrepreneurs can be an alternative to strengthen the role of this population in the economy, which in addition to supporting the activities of trade in the domestic market in Brazil can also promote international trade from its associated enterprises.

Keywords: Entrepreneurship. Culture. Diversity. Black entrepreneurs. Brazil

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre empreendedorismo ainda não estabeleceram paradigmas dominantes ou conceituações universais para essa área, e os estudos adaptados às localidades específicas ou relacionados a categorias sociais ainda de forma muito incipiente. Sobre o estudo dos atores principais do empreendedorismo – os empreendedores –, as perspectivas dominantes são aquelas que abordam aspectos de sua influência na dinâmica econômica dos países, baseadas em Schumpeter (1982) e Drucker (1986), por exemplo. De acordo com Oliveira e Guimarães (2003), nos estudos sobre empreendedorismo com foco em aspectos comportamentais predominam as proposições de McClelland (1971, apud OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2003) e, numa visão mais crítica, estão emergindo trabalhos com base na influência social apresentados por Young (1971, apud OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2003). Nessa perspectiva de influência social nas atividades empreendedoras, pesquisas como as de Fairchild (2008; 2009) visam compreender como fatores geográficos, étnicos e de grupo interferem no comportamento empreendedor. Estudos que discutem especificamente as influências da cultura e das diferenças étnicas na decisão de empreender são

predominantes na literatura estadunidense, conforme pode ser observado, por exemplo, nas pesquisas desenvolvidas por Cutler, Glaeser e Vidgor (1999), Massey e Fischer (2000) e Musterd (2005).

Ao abordar estudos sobre empreendedores no Brasil, deve-se considerar que a estratificação social marcante no país tem influenciado profundamente aspectos dessa área, sendo, portanto, necessário reconhecê-la para compreender como esse fenômeno ocorre no país. Este trabalho tem por objetivo discutir como fatores étnico-raciais influenciam o perfil dos empreendedores brasileiros. Considerando a complexidade dessa temática, limitou-se o estudo ao contexto dos empreendedores negros. Para atender a esse objetivo, o trabalho é desenvolvido em duas partes. Primeiramente, são discutidos estudos sobre empreendedorismo e algumas das principais definições que estão sendo debatidas nessa área, apresentando, consequentemente, discussões de perspectivas de abordagens sobre o perfil dos empreendedores.

No segundo momento deste artigo, apresentou-se o entendimento de empreendedorismo e sua relação com abordagens sobre diversidade social, buscando compreender como as categorias sociais podem influenciar especificidades de estudos sobre o perfil de

empreendedores brasileiros, ainda incipientes nas abordagens com relação à população negra. O estudo de Paixão (2003) é utilizado como base de dados secundários para este trabalho por representar o maior estudo sobre o perfil de empreendedores negros realizados no Brasil. Associado a isso, para uma melhor compreensão da temática, buscou-se relacionar alguns desses debates aos dados disponibilizados por estudos do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) (2009; 2013) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2008; 2013).

Os resultados evidenciaram, a partir das informações coletadas, que além de os empreendedores negros apresentarem as mesmas dificuldades de outros empreendedores no Brasil, as questões étnicas influenciam a dinâmica dos empreendimentos empresariais realizada pelos negros, especialmente a relacionada à captação de recursos, relação com fornecedores, clientes e com funcionários (PAIXÃO, 2003). Também foi possível reconhecer que os empreendedores negros estão fortalecendo suas parcerias em redes de integração, conduzindo-os ao início de um processo de internacionalização de seus empreendimentos por meio, em especial, de sua principal organização, a Associação Nacional dos Empresários e

Empreendedores Afro-Brasileiros (ANCEABRA).

Propõe-se, com este debate, buscar evidências que permitam compreender como as categorias sociais brasileiras e suas formas de relação influenciam a formação e a consolidação de empreendimentos e o perfil dos empreendedores brasileiros. Desse modo, aponta-se para novas possibilidades de pesquisas na área de empreendedorismo que articulem aspectos culturais, étnicos e raciais na formação e sustentabilidade de novas empresas, tendo por base as características e as nuances da formação sociocultural brasileira.

2 DISCUSSÕES SOBRE ESTUDOS DE EMPREENDEDORISMO

Definir é sempre uma tarefa a ser desenvolvida de maneira articulada, pois implica também em excluir. Numa sociedade em que a informação é essencial, selecionar o que é adequado ou não para determinado contexto ou para a produção de um texto acaba se tornando uma tarefa complexa, pois também implica em escolhas políticas. Por isso, definições sobre empreendedorismo não são um consenso entre as diversas áreas em que se pautam os estudos do fenômeno, sejam eles econômicos, sociais, sejam psicológicos, estando em constante

mudança e evolução. Nesse sentido, busca-se apresentar definições de empreendedorismo que sejam mais debatidas nesse campo de estudos, de forma que seja possível identificar alguns dos principais caminhos de pesquisas estabelecidos na área, e o entendimento sobre como alguns silenciamentos de categorias de análise nas pesquisas sobre empreendedorismo podem refletir a dinâmica social do Brasil.

Para Baron e Shane (2007), o empreendedorismo é uma atividade executada por indivíduos específicos que envolvem ações-chave de identificação de oportunidades e atividades para explorar e aplicar comercialmente algo novo. Longenecker et al. (2007) afirmam, nesse sentido, que uma oportunidade não será vista de forma igualmente atraente para todas as pessoas, por envolver interesses, recursos e capacidade do empreendedor para a obtenção de sucesso. Schumpeter (1982) assinala o empreendedorismo como o motor da dinâmica capitalista, já que cabem a esse fenômeno as inovações necessárias para a manutenção do espírito competitivo, característica do sistema capitalista.

Em uma abordagem comportamentalista, o empreendedorismo deve ser entendido como um processo que envolve etapas da vida dos indivíduos desde a infância até a fase adulta. Essa

perspectiva teórica acredita reconhecer o comportamento humano a partir de algo que pode ser observável, e, através da construção de ambientes controláveis, é possível determinar esse comportamento (LIMA; LEITE FILHO, 2008).

Fillion (1999) busca compreender o que faz de um indivíduo um empreendedor, indicando que esse processo ocorre e se fortalece pelo contato dele com pessoas com características empreendedoras. Birley e Muzyka (2001) consideram a existência dos empreendedores como relacionados objetivamente à exploração de uma oportunidade, sendo esse processo com características contínuas exercidas pelo empreendedor durante toda a sua vida.

Nesse contexto, observa-se que nos estudos de empreendedorismo, mesmo aqueles focados na figura do empreendedor, não se pode deslocar esse fenômeno de seu contexto social para compreender como ele ocorre. Assim, mesmo aqueles indivíduos com características empreendedoras não estão imunes às pressões sociais, as quais podem fortalecer ou diminuir as possibilidades de sucesso do empreendimento (TSUI AUCH, 2005).

Dessa forma, essas abordagens vêm contribuir para uma visão mais atenta às questões sociais, como fatores igualmente importantes na compreensão do fenômeno

do empreendedorismo. Estudos que buscam evidenciar a estrutura social têm começado a emergir nas pesquisas sobre empreendedorismo no Brasil, com o intuito de reconhecer como as constituições sociais do país influem tanto no reconhecimento de oportunidades quanto no perfil do empreendedor brasileiro e na constituição de suas relações com a sociedade (PARDINI; BRANDÃO, 2007; PEDROSO; MASSUKADO, 2008; GOMES et al., 2008).

Entretanto, apesar dessa aproximação com a dinâmica sociocultural para a compreensão do fenômeno do empreendedorismo, algumas categorias sociais de análise são negligenciadas nessas pesquisas, especialmente no que se refere às questões étnicas e raciais no Brasil. Um exemplo desse processo são os deslocamentos teóricos provocados pelas pesquisas sobre as relações entre empreendedorismo e gênero (ROSSONI; ONOZATO; HOROCHOVSKI, 2006; DIEGUEZ-CASTRILLON; SINDECANTORNA; BLANCO-CERRADELO, 2011; MACHADO; GAZOLA; AÑEZ, 2013). Apesar de a amplitude de estudos sobre empreendedorismo feminino ter deslocado os debates sobre a prevalência dos homens na criação de empreendimentos, as mulheres, na maioria desses estudos, têm sido consideradas

como um grupo homogêneo resultando no silenciamento das contradições e das diferenças sociais que constituem esse grupo social, aspecto esse já criticado nos estudos sobre gênero na área de administração (ALVESSON; BILLING, 1997; MIRCHANDANI, 2003; ESSERS, 2009; CZARNIAWSKA, 2010). Estudos sobre empreendimentos solidários (GAIGER; CORRÊA, 2010) ou no contexto dos países que compõem o BRIC (Brasil, Rússia, China e Índia), considerados como “países em desenvolvimento”, a exemplo dos relatórios do GEM (2013) e do estudo de Nogami e Machado (2011), também têm negligenciado questões sociais, especialmente as relacionadas a fatores étnicos e raciais, nos debates sobre empreendedorismo.

Além disso, o foco desses estudos tem sido considerar os “empreendedores” como principais responsáveis pela constituição e pelo desenvolvimento dos empreendimentos, com efeito, disseminando hegemonicamente o entendimento do indivíduo como principal responsável pelo seu sucesso, conforme critica o estudo de Costa e Saraiva (2012), por exemplo. A próxima seção deste artigo tem por objetivo apresentar algumas das principais discussões que se estabeleceram na área de estudos do empreendedorismo

no Brasil sobre o “perfil” dos indivíduos empreendedores.

3 DISCUTINDO “PERFIL” EMPREENDEDOR

Os estudos sobre empreendedorismo têm em sua essência as bases do capitalismo (COSTA; SARAIVA, 2012), em que o indivíduo dotado de qualidades intrínsecas é capaz de apreender de sua realidade uma oportunidade de negócios que seja capaz de lhe trazer sucesso e provocar alguma mudança no ambiente no qual está inserido (SCHUMPETER, 1982; SHANE; VENKATARAMAN, 2000; BARON; SHANE, 2007). Nesse contexto, as relações sociais e as políticas estatais acabam também exercendo um papel importante no desenvolvimento do empreendedor, por ser fonte tanto de suas aspirações quanto de recursos necessários para a viabilização de seu empreendimento.

As raízes econômicas do empreendedorismo partem da figura do empreendedor numa perspectiva individual. Esse indivíduo é o símbolo do sucesso capitalista, por conseguir superar barreiras socioeconômicas, implementando seu “sonho de negócio” de forma sustentável e lucrativa. Esse espírito empreendedor é encontrado nos estudos de

Schumpeter (1982) e de Drucker (1986), por exemplo.

Os estudos de Schumpeter (1982) e de Drucker (1986) têm raízes nos estudos econômicos refletidos na construção de suas visões do empreendedor. Esses indivíduos desenvolveriam os mecanismos básicos para a inovação necessária ao sistema capitalista, interferindo diretamente na dinâmica do mercado, pelo processo inovador que promovem. O perfil do empreendedor está associado à capacidade de assumir riscos moderados, à criatividade e ao desenvolvimento econômico, por implementar mudanças inovadoras em seus ambientes de atuação. Essa visão, centralizada na figura do empreendedor, no fenômeno empreendedorismo, reconhece a importância do ambiente econômico na construção tanto do processo de inovação quanto na formação dos próprios empreendimentos, mas dependente das características individuais das pessoas que decidem empreender.

Outra importante perspectiva de estudos sobre empreendedorismo está na área comportamental, reconhecendo, além das bases econômicas, as características do comportamento do empreendedor e os aspectos pessoais que os individualizem em relação às demais pessoas na sociedade. Esses estudos se baseiam em pesquisas que visam estabelecer traços de

personalidade e de comportamentos empreendedores. Como apresentado por Longenecker et al. (2007) e Mitchell (2004), as recompensas esperadas pelo empreendedor ao estabelecer o seu negócio estão relacionadas à necessidade de independência, de liderança, de liberdade e de satisfação pessoal.

Em uma perspectiva crítica, a construção de discussões sobre o perfil empreendedor é considerada a partir de questões do ambiente social e do histórico de vida individual das pessoas, nas quais a motivação para empreender é construída. Sendo assim, a decisão de empreender não nasce de uma característica individual, mas de uma série de variáveis que influenciam os indivíduos nesse processo (MUSTERD, 2005; FAIRCHILD, 2008).

Essas variáveis podem tanto fomentar como restringir a decisão de empreender, visto que fatores considerados negativos, a exemplo do desemprego e da imigração (TEIXEIRA, 2001), também auxiliam na construção de elos responsáveis pela sua leitura social na tomada de decisão de abrir ou não uma empresa. Essa perspectiva trabalha com a necessidade de compreender vários fatores sociais, econômicos, políticos e individuais que não podem ser analisados individualmente, ou mesmo estratificados para se compreender o perfil do

empreendedor (MUSTERD, 2005; FAIRCHILD, 2008).

De acordo com Oliveira e Guimarães (2003), as redes de relacionamentos são importantes na dinâmica empreendedora, ao proporcionar, de maneira solidária, estruturas para a implementação e a manutenção dos empreendimentos. Os estudos sobre esses tipos de redes vêm aumentando na literatura, e Hoang e Antonic (2003) discutem esse tema apresentando, a partir de uma revisão de artigos, debates sobre conteúdo, governança e estrutura social desses meios de relacionamentos. Smith e Lohrke (2008) também desenvolvem um estudo sobre a confiança no estabelecimento das redes de empreendedores, apresentando modelos de estudo dessa temática, assim como Machado, Jesus e Greatti (2011) desenvolvem sobre os efeitos da inserção de empreendedoras em redes.

É importante reconhecer que as políticas públicas (SACHS, 2004) têm um papel fundamental nesse processo, tanto nas questões de fomento, fortalecimento e quiçá de internacionalização dessas empresas, em geral pequenas e médias, como na questão da importante participação delas no desenvolvimento local, onde estão inseridas (FAIRCHILD, 2009). Nessa perspectiva, as influências

socioeconômicas na definição e na concepção dos perfis empreendedores se tornam importantes. O sucesso ou o insucesso dos empreendimentos não são colocados crucialmente nas questões individuais, mas também nos obstáculos estabelecidos em seu meio de atuação, que podem limitar as ações e as decisões do empreendedor. Reconhece-se que até o espírito inovador capitalista tem suas limitações de influência e de atuação social.

No Brasil, estudos que abordam o perfil do empreendedor também estão se deslocando de abordagens focadas em aspectos individuais e se voltando aos aspectos característicos de nossa sociedade. Pedroso e Massukado (2008) trabalham a relação do “jeitinho brasileiro” com o perfil empreendedor no país. Essas abordagens são importantes na medida de se conseguir reconhecer a multiculturalidade e os aspectos sociais característicos do país, que fomentam e limitam as ações empreendedoras como também os aspectos sociais e políticos voltados a esse setor da economia. Chega-se então na discussão sobre empreendedorismo e diversidade, que serão apresentados na próxima seção.

4 EMPREENDEDORISMO E DIVERSIDADE

Muitos artigos publicados nos últimos anos abordam a o perfil dos empreendedores no Brasil sem dedicar a essa temática estudos que demonstram a diversidade característica da população brasileira (GOMES et al., 2008; LEMOS; FREGA; SOUZA, 2008). Considera-se, neste artigo, o conceito de diversidade desenvolvido por Nkomo e Cox Jr. (1998, p. 335):

[...] pessoas com identidades grupais diferentes dentro do mesmo sistema social. A diversidade se referencia a alguma situação onde os atores de interesse não são semelhantes em relação a algum atributo.

Assim, um dos principais pontos a serem considerados em estudos que abordam a diversidade relaciona-se aos aspectos em que os atores sociais não são semelhantes. Neste estudo, a ênfase foi dada às relações étnicas brasileiras, tomando como referencial as questões relacionadas aos negros. Estudos sobre diversidade em empreendedorismo no país focam questões de gênero ou idade (MACHADO et al., 2000; CASSOL; SILVEIRA; HOELTGEBAUM, 2007), sem considerar outros atributos de diferenciação, como, por exemplo, as questões étnicas. Hisrich e Peters (2004) assinalam que os estudos sobre empreendedorismo, definidos sob a perspectiva de raça ou etnia, são esporádicos, e a principal dificuldade está em compreender como esses grupos se

diferenciam na captação de oportunidades em seu meio social. Por esse motivo, as pesquisas sobre empreendedorismo acabam focando as características de grupos hegemônicos na sociedade. Essa temática se torna importante no país ao considerar-se que aproximadamente 50% da população brasileira é composta por negros ou pardos (IBGE, 2013), e poucos estudos debatem questões sobre os empreendedores negros no Brasil (PAIXÃO, 2003).

Em um estudo desenvolvido por Paixão (2003), o autor faz um levantamento sobre a quantidade de estudos e a perspectiva teórica adotada por essas análises sobre o fenômeno do empreendedorismo no contexto da população negra no país. O autor considera que, além das questões sobre o mito da igualdade racial, os poucos estudos sobre os empreendedores negros são encarados com muita ressalva pelos acadêmicos que estudam esse setor.

Paixão (2003) afirma ter realizado um estudo abordando a quantidade de trabalhos de pesquisa que focalizaram o tema sobre os empreendedores negros nos últimos trinta anos. Os resultados da pesquisa revelam que os estudos sobre esses empreendedores no Brasil concentram-se em questões sobre mercado de trabalho, despendendo poucas

discussões sobre o fenômeno do empreendedorismo entre a população negra. Mesmo em estudos de institutos de pesquisa, poucos dados são levantados nessa área para buscar compreender como a estratificação social do país influí na percepção e na estruturação de novos negócios (PAIXÃO, 2003).

Ao analisar estudos qualitativos com a temática voltada para os empreendedores negros, Paixão (2003) assegura ter identificado apenas três estudos que trabalharam nessa perspectiva. No primeiro estudo, realizado no ano de 1997, com quatro mulheres empreendedoras, duas brancas e duas negras, uma das entrevistadas negras, dona de um escritório de contabilidade, relatou como a discriminação racial cordial no Brasil acaba por ser um dos obstáculos para o estabelecimento de empreendedores negros.

O segundo estudo apresentou os resultados de uma pesquisa realizada com vinte e cinco profissionais negros com ensino superior e rendimento acima de doze salários mínimos. A pesquisa destacou que a ascensão social elevava a autoestima desses indivíduos, e não o estabelecimento de um processo de embranquecimento, defendido por muitos autores. A pesquisadora ainda revelou os efeitos perversos da dita discriminação

racial cordial brasileira nos empreendedores negros e no exercício de suas profissões (PAIXÃO, 2003).

O terceiro estudo, apresentado por Paixão (2003), identificou quarenta empreendedores negros, nove deles entrevistados: um médio, três pequenos e cinco microempresários. O intuito era compreender as dificuldades em se tornar um empresário negro, analisando as relações desses empreendedores com seus clientes, fornecedores, com o sistema financeiro, com concorrentes e funcionários, analisando a compreensão daqueles agentes econômicos com suas próprias atividades, com o associativismo e com o movimento negro. O estudo concluiu que esses empreendedores tinham as mesmas dificuldades de outros pequenos empreendimentos, mas em muitos momentos tiveram, conscientemente ou não, problemas por causa das relações étnicas, o que, na opinião do autor, imputou aos empreendedores negros mais um desafio no exercício de empreender. Essa pesquisa ainda demonstrou que o fato de ser negro trouxe problemas relacionados à captação de recursos, em especial porque a maioria da população negra é pobre e isso dificulta a capitalização própria ou familiar. Além disso, essas dificuldades também são apresentadas no acesso a crédito bancário, nas relações com fornecedores, com

clientes e até mesmo em conflitos com funcionários. Esses conflitos étnicos acabavam por desestimular os entrevistados a continuar seus empreendimentos.

Entretanto, essa realidade da dificuldade dos negros em estabelecerem suas empresas devido a fatores étnicos e raciais não é uma realidade exclusiva do Brasil. Na literatura internacional é possível encontrar alguns estudos sobre essa dificuldade em outros países, especialmente nos Estados Unidos. Harvey (2005; 2008) analisa como as interseções entre as categorias sociais raça, gênero e classe influenciam a atividade empreendedora de mulheres negras em empresas como salões de beleza. Tendo como base entrevistas com onze empreendedoras negras nos Estados Unidos, a referida autora destaca que a atividade empreendedora em salões de beleza foi importante para as mulheres entrevistadas, pois o cabelo para as mulheres negras é um símbolo de resistência étnica (OLIVEIRA, 2011). Portanto, a atividade empreendedora nesse contexto destaca um efeito político para as empreendedoras negras.

Iheduru (2003) destaca, ainda no contexto das mulheres negras, entretanto na África do Sul pós-apartheid, a importância das políticas públicas para a inclusão da população na classe

empresarial, visto que, apesar de iniciativas privadas pontuais, sem a intervenção do governo, a inserção das mulheres negras no mundo empresarial é limitada. Fairchild (2008; 2009) destaca, em dois estudos, como questões éticas influenciam na dinâmica do trabalho autônomo nos Estados Unidos, especialmente a partir da dinâmica de segregação do espaço urbano. Por fim, Ma, Wang e Lee (2012), em um artigo que revisou as publicações internacionais sobre o empreendedorismo ético, destacam que esses estudos têm focado a dinâmica empreendedora dos chineses, cubanos, coreanos e negros. Os resultados do artigo dos referidos autores ainda apontam que atualmente os estudos sobre empreendedorismo e etnicidade têm se concentrado em questões de imigração e trabalho autônomo devido às características de mobilidade de emprego do atual estágio de desenvolvimento do sistema capitalista.

Com isso, é possível observar que, mesmo internacionalmente, as pesquisas que discutem as relações entre empreendedorismo e fatores étnicos e raciais ainda são incipientes, especialmente no Brasil. Na próxima seção deste artigo são apresentados dados e debates sobre como essa dinâmica entre atividade empreendedora e população negra está

sendo discutida no Brasil.

5 PARTICIPAÇÃO DOS EMPREENDEDORES NEGROS NAS ATIVIDADES EMPREENDEDORAS NO BRASIL

O estudo de Paixão (2003) construiu um mapa de evolução dos empreendedores no país durante os anos de 1990 a 1999, finalizado e divulgado no ano de 2003. Muitos desses dados foram apresentados e debatidos neste artigo, associados a dados do GEM (2013; 2009) e do IBGE (2013; 2008), refletindo a necessidade de políticas públicas voltadas aos empreendedores negros, no intuito de diminuir as diferenças socioeconômicas no Brasil, mas também deslocando o foco das análises dos estudos sobre empreendedorismo de grupos hegemônicos que silenciam as dificuldades de empreender no Brasil ao considerar fatores étnicos e raciais.

Paixão (2003), ao desenvolver sua pesquisa sobre o perfil dos empreendedores negros no Brasil, agrupa a esse conceito as categorias de trabalhadores por conta própria e os empresários. Neste trabalho, restringem-se esses dados aos relacionados aos empresários, por considerá-los os mais próximos da definição de empreendedor encontrada na literatura acadêmica e já

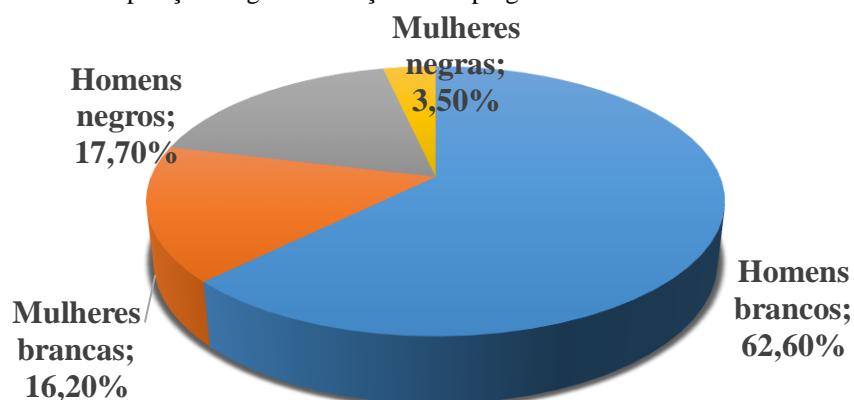
discutida anteriormente neste artigo.

Conforme apontado, nas poucas pesquisas qualitativas voltadas à compreensão do perfil de empreendedores negros, além de todas as dificuldades de abertura e manutenção de um empreendimento, os negros se deparam com o desafio de superar as desigualdades étnicas de nosso país. Esses fatores afetam suas relações em vários aspectos como, por exemplo, com clientes, fornecedores, funcionários e na captação de recursos de terceiros para financiar suas atividades.

Em um estudo realizado nos Estados Unidos, como exemplo, o número de empresas fundadas por afro-americanos na década de 1990 cresceu 46%, enquanto, em geral, esse tipo de negócio cresceu 26%. Nas empresas onde os dirigentes são negros, as vendas no empreendimento aumentaram 63%, enquanto em termos gerais esse crescimento foi de 50% (HISRICH; PETER, 2004).

Quando se decompõem os dados de pesquisas no Brasil sobre empreendedorismo e diversidade, em relação aos negros, como os de Paixão (2003), do GEM (2009) e do IBGE (2008), em termos de gênero e raça, as mulheres negras apresentam os menores percentuais de representatividade no setor. O Gráfico 1 apresenta a participação de brancos e negros nas atividades empreendedoras no Brasil no ano de 1992, com expressiva participação dos homens brancos (62,6%), ficando os percentuais de representatividade de mulheres brancas (16,2%) e de homens negros (17,7%) muito próximos. Assim, pode-se apreender que há evidências de que a etnia apresente importante componente das dificuldades de os indivíduos estabelecerem empreendimentos. Esses dados são corroborados pela pesquisa do IBGE (2008) realizada no ano 2000.

Gráfico 1 – Composição de gênero e raça dos empregadores brasileiros no ano de 1992

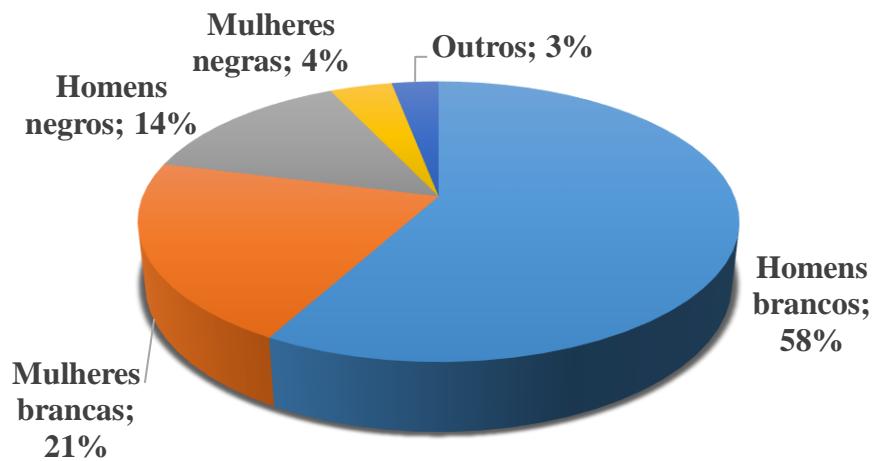


Fonte: Paixão (2003).

O Gráfico 2 apresenta os dados referentes à composição de gênero e raça dos empreendedores brasileiros apresentados pelo censo do ano 2000, dados esses relacionados às informações mais recentes disponibilizadas pelo instituto sobre essa temática. O que pode ser observado na exposição desses dados é que ainda ocorre a predominância dos homens brancos como empreendedores (58%), e que a participação das mulheres brancas apresenta um significativo

aumento em relação à década de 1990, correspondente a 21%. Dessa forma, as evidências dos dados apresentados por Paixão (2003) de que as questões étnicas são sobrepostas às questões de gênero nas atividades empreendedoras no Brasil são corroboradas, pois o percentual de homens negros nessas atividades é de 14%, índice inferior ao das mulheres brancas, e as mulheres negras apresentam esse percentual em 4%.

Gráfico 2 – Composição de gênero e raça dos empreendedores no ano 2000



Fonte: IBGE (2008).

Os dados apresentados por Paixão (2003) e pelo IBGE (2008) apresentaram-se em consonância com o estudo do GEM (2009), exposto na Tabela 1, o qual também assinala que, proporcionalmente ao número de empreendimentos criados no país, os homens são a maioria dos

empreendedores em todas as regiões do Brasil. Porém, não se podem comparar os dois estudos nos dados desagregados em termos de raça/etnia, pois as pesquisas do GEM (2013) não discutem fatores étnicos e raciais.

Tabela 1 – Perfil de empreendedores estabelecidos no Brasil segundo o gênero

Gênero	Brasil	Região Norte	Região Nordeste	Região Centro-Oeste	Região Sudeste	Região Sul
	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Masculino	56	56,1	52,9	56,1	54,7	59,5
Feminino	44	43,9	47,1	43,9	45,3	40,0
Razão Masculino/Feminino	1,3	1,3	1,1	1,3	1,2	1,5

Fonte: GEM (2013).

Segundo dados da Anceabratra (2008), atualmente os negros correspondem a 3,8% dos empregadores no Brasil e, segundo dados do IBGE (2013), a população negra corresponde a 50,7% dos brasileiros. Esses dados remetem à reflexão sobre até que ponto ser

empreendedor é uma questão apenas de características individuais. A Tabela 2 apresenta o percentual de empreendedores no Brasil a partir das categorias gênero e raça e suas respectivas representatividades por região geográfica.

Tabela 2 – Composição de gênero e de raça de empreendedores nas regiões geográficas brasileiras

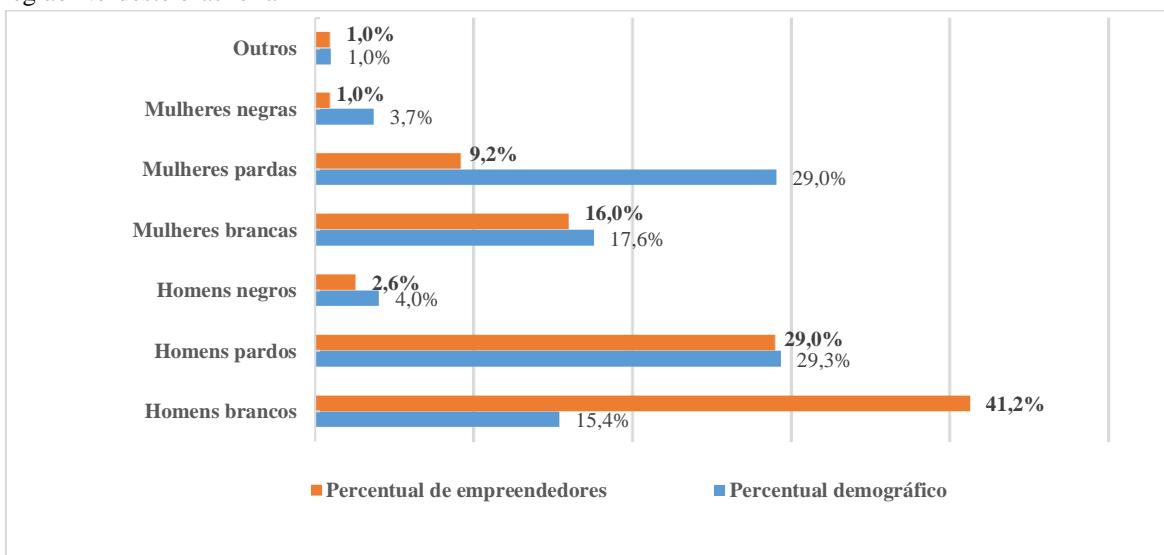
	Região geográfica				
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste
Homens brancos	37, 63%	41, 24%	62, 44%	69%	55, 25%
Homens pardos	35, 47%	29, 33%	7, 84%	2, 64%	17, 6%
Homens negros	3, 06%	2, 6%	1, 11%	0, 53%	1, 39%
Mulheres brancas	12, 23%	15, 66%	22, 42%	25%	18, 57%
Mulheres pardas	9, 07%	9, 19%	2, 25%	0, 58%	4, 64%
Mulheres negras	0, 37%	0, 67%	0, 3%	0, 13%	0, 3%
Outros	2%	1%	4%	2%	2%

Fonte: IBGE (2008).

Quando esses dados foram decompostos por região, representados na Tabela 2, percebe-se que na região Nordeste ocorre um percentual maior de mulheres negras empreendedoras (0,67%) e na região Norte o maior índice de homens negros empreendedores (3,06%), em relação aos dados de outras regiões geográficas brasileiras. Uma explicação para essa constatação pode estar vinculada ao percentual maior da população negra

nessas regiões, ampliando as possibilidades desse contingente de ocupar esse espaço social. O Gráfico 3 apresenta a relação entre o percentual de empreendedores, com base nas categorias de gênero e de raça, em relação aos dados demográficos da região Nordeste, onde reside a maior amplitude da população negra no Brasil.

Gráfico 3 – Composição de empreendedores por gênero e raça em relação aos percentuais demográficos na região Nordeste brasileira

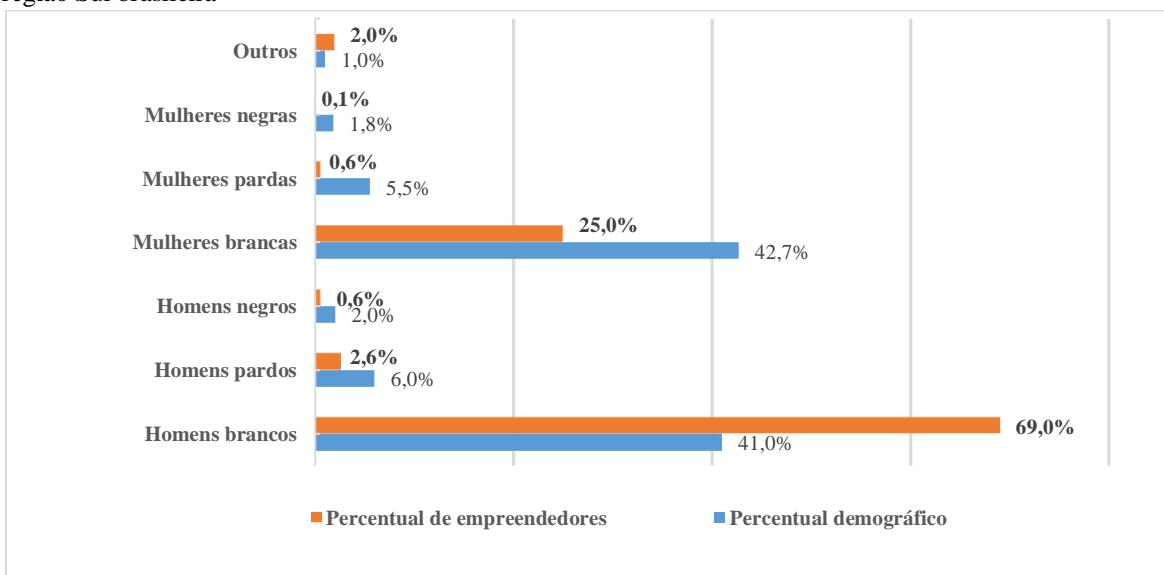


Fonte: IBGE (2008).

Na região Sul, os percentuais de empreendedores negros e negras caem significativamente, parte pelo menor quantitativo populacional dessa etnia nessas localidades, parte por outras discussões sociais. O percentual da

população negra empreendedora, agrupando homens e mulheres, é de aproximadamente de 0,66% (IBGE, 2008). A predominância é de homens brancos ocupando esse espaço social, como observado nos dados expostos no Gráfico 4

Gráfico 4 – Composição de empreendedores por gênero e raça em relação aos percentuais demográficos na região Sul brasileira



Fonte: IBGE (2008)

Ao relacionar esses resultados à média de anos de estudo, pode-se perceber que a posição dos negros na estrutura social do país compromete seu preparo para a atuação como empreendedores. Num estudo comparativo entre empresas que encerraram suas atividades e as que conseguiram se manter no mercado, Greatti e Previdelli (2007) apontaram que as empresas sobreviventes tinham gestores com um nível maior de escolaridade, não colocando esse fator como determinante, mas altamente influente em gestão de empreendimentos.

O estudo realizado pelo GEM (2009) também destacou que a média de anos de estudos dos empreendedores no Brasil está entre cinco e onze anos (41,1%), corroborando o estudo de Paixão (2003). Destaca-se, nesse contexto, que ao decompor esses dados em raça e etnia pode-se perceber uma discrepância de anos médios de estudos entre negros e brancos.

A diferença média de anos de estudo entre brancos e negros empreendedores no Brasil é de aproximadamente três anos. Enquanto um empreendedor branco estuda, em média, dez anos, um negro estuda sete anos (PAIXÃO, 2003). Isso pode ser uma evidência de que políticas universalistas não atingem a redução das disparidades sociais entre brancos e negros no Brasil, por isso a adoção de políticas públicas

específicas poderia ser uma forma de atender objetivamente essa população e tentar diminuir essas discrepâncias sociais. Os estudos de Hisrich e Peters (2004) também evidenciaram uma menor taxa de escolaridade nos empreendedores negros nos Estados unidos, demonstrando evidências de convergência entre os dados sociais de negros no Brasil e nos Estados Unidos, o que também será percebido na idade em que essa população inicia seu empreendimento.

Com relação à idade média dos empregadores, destacou-se, no estudo de Paixão (2003), o fato de que na faixa entre de 21 e 30 anos os negros empreendem mais que os brancos, correspondendo a 21,4% de negros e 16,7% de brancos. De acordo com a pesquisa do GEM (2009), a faixa etária entre 25 e 34 anos é a que apresenta a maior taxa de indivíduos empreendedores. Entretanto, ainda de acordo com a mesma pesquisa, na faixa etária acima de 51 anos a presença maior é de brancos, de 20,2%, em relação a negros, de 17,2% (PAIXÃO, 2003).

A maior participação de jovens negros nas atividades empreendedoras no país pode estar relacionada à existência de redes e políticas que auxiliam essa população a empreender, como o projeto Consórcio Social da Juventude da Região Metropolitana de Salvador (Sebrae, 2008). Em um estudo realizado nos Estados

Unidos, também foi evidenciado um aumento da participação de jovens negros que estão iniciando seus negócios (HISRICH; PETERS, 2004), o que representa um total de 14,5% de participação de negros naquele país.

Outro ponto importante na pesquisa de Paixão (2003) é a análise do número de funcionários que os empreendedores possuem. A maioria dos negros possui um funcionário em seus empreendimentos, no percentual de 39%, enquanto os brancos possuem em média mais de cinco funcionários, no percentual de 31%. Isso pode ser complementado ao se observar a área de atuação desses empreendedores. Os brancos, em sua maioria, atuam nas atividades de comércio em geral, enquanto os negros atuam predominantemente na prestação de serviços, com um percentual de 25%.

Pode-se compreender, nesse contexto, que os jovens negros estão empreendendo mais, porém há necessidade de políticas públicas voltadas especificamente a essa população, tendo em vista, principalmente, os dados referentes à educação. As políticas universalistas evidenciam sua ineficácia no combate aos desniveis sociais entre brancos e negros no Brasil. Em um país onde se busca o desenvolvimento social como um todo, é necessária a inclusão de

programas com foco de atuação em suas próprias fragilidades de estrutura social, caso contrário há o risco de se promover um círculo vicioso de exclusão social.

Em muitos aspectos, os estudos realizados pelo GEM (2009; 2013) corroboram os realizados por Paixão (2003), indicando uma tendência com relação aos dados sobre empreendedorismo no país. Isso poderia significar um bom resultado, se for considerada a melhora das condições para empreender no Brasil. No entanto, também pode remeter a uma preocupação sobre a possibilidade de manutenção de certas desigualdades no que se refere ao processo de abrir uma empresa. Por isso, faz-se necessário que esses estudos avancem não somente em termos de gênero ou da influência da cultura para oportunidades empreendedoras, mas também relativamente às discussões sobre como aspectos socioculturais brasileiros influenciam a dinâmica de empreender no Brasil, como as questões étnicas e raciais apresentadas nesse texto.

Os resultados dos estudos de Paixão (2003), desde sua divulgação, conduziram a um debate nacional sobre programas e políticas de fomento e de fortalecimento de empreendedores negros no país, como a implementação da Anceabra no ano de 1999, e, mais

recentemente, as parcerias estabelecidas pelo Sebrae (2008) para a atuação nesse setor.

6 CONCLUSÃO

Os estudos sobre empreendedorismo podem ser realizados sob diversas perspectivas, e poderão revelar, de acordo com a metodologia adotada, uma face de influências de áreas como, por exemplo, da economia, da sociologia ou da antropologia. Quando abordados, esses estudos poderiam ser realizados à luz de questões contextuais e, especificamente no Brasil, levando em consideração os efeitos da estratificação social na dinâmica empreendedora no país. Apesar de já ser abordados em alguns momentos sob a perspectiva da diversidade, esses estudos ainda concentram-se em estudos de gênero e de idade.

Nesse aspecto, o estudo de Paixão (2003) demonstrou que se faz necessário compreender questões internas da área de empreendedorismo para, desse modo, entender como a dinâmica social influencia as relações sociais e de mercado desse setor. Desse modo, ao interpretar os dados do estudo do GEM (2013; 2009), os de Paixão (2003) e os do IBGE (2013; 2008), foi possível compreender que o fenômeno do empreendedorismo no Brasil tem forte influência da estratificação social,

econômica e racial característica do país, e que essa temática tem sido negligenciada nesse campo de estudos. Paixão (2003) afirma que esse negligenciamento pode estar relacionado com o desconforto com que certas áreas acadêmicas discutem questões raciais no Brasil, especialmente na área de Administração, conforme apontam os estudos de Conceição (2009), Rosa (2009) e Nascimento et al. (2013).

No que se refere aos dados expostos neste artigo, por exemplo, sobre a média de anos de estudos dos empreendedores, o estudo do GEM (2009) afirma que, em média, os empreendedores no país estudam de cinco a onze anos. No entanto, quando Paixão (2003) decompõe essa categoria de análise em termos de raça ou etnia, os negros apresentam um menor índice de escolaridade em relação a outros grupos sociais.

Em todas as categorias em que os dados das três pesquisas puderam ser discutidos, foi possível perceber que a participação dos negros nas atividades empreendedoras no Brasil é menor, em termos quantitativos e qualitativos. Não obstante, a partir das análises de pesquisas no contexto internacional, especialmente dos Estados Unidos, também foi possível compreender que essa dinâmica de segregação não é um fenômeno exclusivo do Brasil. Harvey (2008; 2005), nos Estados Unidos, e Iheduru (2003), na

África do Sul, também destacaram a dificuldade de inserção dos negros nas atividades empreendedoras devido a fatores raciais. O interessante da convergência dessas pesquisas em diferentes localidades é que o fenômeno do empreendedorismo, quando relacionado a fatores raciais, no contexto da população negra, apresenta contornos sociopolíticos e de resistência diante de situações de discriminação, como nos debates de Harvey (2005) sobre os salões de beleza das mulheres negras, que possibilitam um debate sobre o processo de “branqueamento” ideológico dessas mulheres.

Esse caráter ideológico, que, de certa forma, limita a atividade empreendedora dos negros em diferentes contextos culturais, é refletido na própria construção das agendas de pesquisas na área de empreendedorismo. Apesar dos vários deslocamentos teóricos apresentados ao longo dos últimos anos, conforme debatido ao longo deste texto, as pesquisas ainda silenciam debates mais profundos sobre como os processos de segregação social e racial influenciam as atividades empreendedoras. Isso fica evidente na escassa produção científica, especialmente no Brasil, foco contextual deste artigo, sobre a temática do empreendedorismo e questões raciais e

étnicas.

Sendo assim, há evidências, a partir dos dados analisados, de que a participação de empreendedores negros na economia brasileira está restringida a uma representatividade não condizente com sua representatividade social, pois, apesar de essa etnia representar aproximadamente 50% dos brasileiros (IBGE, 2013), ela não possui tal participação em termos de atividades empreendedoras no país.

Outra evidência encontrada no estudo relaciona-se ao reflexo de os aspectos das relações étnicas brasileiras serem um obstáculo a mais aos empreendedores negros, além dos recorrentes da área, para estabelecer e manter seu empreendimento. Quando as pesquisas relacionadas a essa temática tratavam das relações dos empreendedores negros com fornecedores, clientes, concorrentes ou até mesmo com funcionários, foi evidenciado que o fator etnia limita, em muitos casos, essas relações. Portanto, os empreendedores negros acabam por ter uma dificuldade maior de acesso a recursos financeiros, bem como nos processos de gestão de seus empreendimentos.

Também se pode apreender dessas discussões que políticas universalistas de fomento ao empreendedorismo podem não alcançar plenamente as demandas da

população negra, tendo em vista os relatos da dificuldade de obtenção de financiamento de terceiros expostos pelas pesquisas. Desse modo, políticas voltadas especificamente a essa população poderão construir resultados mais eficazes, considerando as que já foram implementadas com as mulheres e com os jovens. Nesse contexto, a formação de redes de empreendedores negros pode ser uma alternativa de fortalecimento de atuação dessa população na economia brasileira, como a Anceabra, a qual, além de auxiliar no fortalecimento das atividades de comércio no mercado interno no Brasil, ajuda na internacionalização de comercialização proveniente de seus empreendimentos associados.

O estudo ainda revelou que pesquisas sobre empreendedores negros no Brasil ainda são muito incipientes e que, quando ocorrem, estão relacionados às questões de mercado de trabalho, sendo carentes de abordagens quantitativas e qualitativas que possibilitem compreender o fenômeno do empreendedorismo no país a partir da perspectiva da população negra.

Sendo assim, este artigo contribui com a área de Administração no Brasil, especialmente para as pesquisas sobre empreendedorismo, ao evidenciar categorias de análise e um campo de pesquisa ainda não contemplado por estudos que possibilitem compreender as

atividades empreendedoras no Brasil para além das questões individuais, ou da dinâmica cultural apenas como fonte de exploração de oportunidades para os empreendedores. Além disso, colocam-se em debate questões políticas das escolhas de agenda de pesquisa em empreendedorismo no Brasil, e destaca-se como os processos de segregação social no país, amplamente debatidos em áreas como Sociologia e Antropologia, influenciam, sob diferentes aspectos, as atividades empreendedoras brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALVESSON, M. A; BILLING, Y. D. **Understanding gender and organizations**. London: Sage, 1997.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EMPRESÁRIOS E EMPREENDEDORES AFRO-BRASILEIROS (ANCEABRA). 2008. **Quem Somos**. Disponível em: <<http://www.anceabranegocios.com.br>>. Acessado em: 30 abr. 2008.

BARON, R.; SHANE, S. **Empreendedorismo – uma visão do processo**. São Paulo: Thomson, 2007.

BIRLEY, S.; MUZYKA, D. F. **Dominando os desafios do empreendedor**. São Paulo: Editora Makron Books, 2001.

CONCEIÇÃO, E. B. A negação da raça nos estudos organizacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 33, São Paulo, 2009. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2009.

CASSOL, W. I. L.; SILVEIRA, A.;

HOELTGEBAUM, M. Empreendedorismo feminino: análise da produção científica da base de dados do Institute for Scientific Information (ISI) de 1997 a 2006. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31, Rio de Janeiro, 2007. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

COSTA, A. M.; SARAIVA, L. A. S. Hegemonic discourses on entrepreneurship as ideological mechanisms for the reproduction of capital. **Organization**, v. 19, p. 587-614, 2012.

CUTLER, D. M.; GLAESER, E. L.; VIGDOR, J. L. The rise and decline of the American ghetto. **Journal of Political Economy**, v. 107, p. 455-50, 1999.

CZARNIAWSKA, B. Women, the city and (dis)organizing. **Culture and Organization**, v. 16, n. 3, p. 283-300, 2010.

DIEGUEZ-CASTRILLON, M. I.; SINDE-CANTORNA, A.; BLANCO-CERRADELO, L. Turismo rural, empreendedorismo e gênero: um estudo de caso na comunidade autônoma da Galiza. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 50, n. 2, 2012.

DRUCKER, P. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 1987.

ESSERS, C. Reflections on the narrative approach: dilemmas of power, emotions and social location while constructing life-stories. **Organizations**, v. 14, n. 2, p. 163-181, 2010.

FAIRCHILD, G. B. Residential segregation influences on the likelihood of ethnic self-employment. **Entrepreneurship Theory and Practice**, p. 373-395, March 2009.

_____. Residencial segregation influences

on the likelihood of black and white self-employment. **Journal of Business Venturing**, v. 23, p. 46-74, 2008.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas da Universidade de São Paulo**, v. 34, p. 5-28, abr./jun. 1999.

GAIGER, L.; CORRÊA, A. A história e os sentidos do empreendedorismo solidário. **Otra Economía**, v. 7, n. 2, p. 153-176, 2010.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM) **Empreendedorismo no Brasil**: 2008/Simara Maria de Souza Silveira Greco et al. Curitiba: IBQP, 2009.

_____. **Empreendedorismo no Brasil**: 2012. Curitiba: IBQP, 2013.

GOMES, A. F. et al. Empreendedorismo brasileiro: uma análise conceitual a partir da ética do trabalho e da ética da aventura. In: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 5, São Paulo, 2008. **Anais...** São Paulo: EGEPE, 2008.

GREATTI, L.; PREVIDELLI, J. J. O uso do plano de negócios como instrumento de análise comparativa das trajetórias de sucesso e de fracasso empresarial. In: MACHADO, H. P. V. (Org.) **Causas de Mortalidade de Pequenas Empresas**. Maringá: EDUEM, 2007.

HARVEY, A. W. Personal satisfaction and economic improvement: working-class black women's entrepreneurship in the hair industry. **Journal of Black Studies**, v. 38, p. 900-915, 2008.

_____. Becoming entrepreneurs: intersections of race, class, and gender at the black beauty salon. **Gender & Society**, v. 19, p. 798-808, 2005

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.
Empreendedorismo. Trad. Lene Belon Ribeiro. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HOANG, H.; ANTONIC, B. Network-based research in entrepreneurship: a critical review. **Journal of Business Venturing**, v. 18, p. 165-187, 2003.

IHEDURU, O. C. Corporate amazons or empowerment spice girls? Elite black businesswomen and transformation in South Africa. **Journal of Developing Societies**, v. 19, p. 472-508, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acessado em: 14 abr. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acessado em 19 jan. 2013.

LEMOS, I. S.; FREGA, J. R.; SOUZA, A. Empreendedorismo étnico e desenvolvimento turístico de Treze Tílias. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 5, São Paulo, 2008. **Anais...** São Paulo: EGEPE, 2008.

LIMA, J. A. A.; LEITE FILHO, C. A. P. **Uma perspectiva psicológica do empreendedorismo.** In: V EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS (2008: São Paulo). **Anais.** 2008.

LONGENECKER, J. et al. **Administração de pequenas empresas.** São Paulo: Thomson, 2007.

MA, Z.; WANG, T.; LEE, Y. The Status of International Ethnic Entrepreneurship Studies: A Co-citation Analysis. **Journal**

of Entrepreneurship, v. 21, p. 173-199, 2012.

MACHADO, H. P. V.; GIMENEZ, F. A P. **Empreendedorismo e diversidade: uma abordagem demográfica de casos brasileiros.** In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 1, Maringá, 2000. **Anais...** Maringá: EGEPE, 2000.

_____.; AÑEZ, M. E. M.; G. S. Criação de empresas por mulheres: um estudo com empreendedoras em. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, p. 177-200, 2013.

MASSEY, D. S.; FISCHER, M. J. How segregation concentrates poverty. **Ethnic and Racial Studies**, v. 23, p. 670-691, 2000.

MIRCHANDANI, K. Challenging racial silences in studies of emotions work: contributions from anti-racist feminist theory. **Organization Studies**, v. 24, n. 5, p. 721-742, 2003.

MITCHELL, B. C. Motives of entrepreneurs: a case study of South Africa. **Journal of Entrepreneurship**, v. 13, n. 2, p.168-183, 2004.

MUSTERD, S. Social and ethnic desegregation in Europe: levels, causes and effects. **Journal of Urban Affairs**, v. 27, p. 331-348, 2005.

NASCIMENTO, M. C. R.; OLIVEIRA, J. S.; TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. P. Com que cor eu vou pro shopping de BH que você me convidou? In: XXXVII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (2013: Rio de Janeiro). **Anais...** 2013.

NKOMO, E. M; COX Jr. T. **Diversidade e identidade nas organizações.** In: CLEGG, S. HARDY, C.; NORD, W. (Org.); CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T.

(Org. versão brasileira) **Handbook de Estudos Organizacionais.** São Paulo: Atlas 1998.

NOGAMI, V.; MACHADO, H. V. Atividade empreendedora nos países do BRIC: uma análise a partir dos relatórios GEM de 2000 a 2010. **Revista da Micro e Pequena Empresa** (FACCAMP), v. 5, p. 114-128, 2011.

OLIVEIRA, J. S. Representações das Relações entre Cultura, Consumo e Etnia: As Representações Culturais das Mulheres Negras no Mercado Consumidor Brasileiro. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 9, p. 87-107, 2011.

OLIVEIRA, D. C.; GUIMARÃES, L. O. **Perfil empreendedor e ações de apoio ao empreendedorismo: o NAE/Sebrae em questão.** In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, Atibaia, 2003. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2003.

PAIXÃO. M. J. P. **Destino manifesto:** estudo sobre o perfil familiar, social e econômico dos empreendedores/as afro-brasileiros/as dos anos 1990. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, 2003.

PARDINI, D. J.; BRANDÃO, M. M. **Competências empreendedoras e sistema de relações sociais:** a dinâmica dos construtos na decisão de empreender nos serviços de fisioterapia. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31, Rio de Janeiro, 2007. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

PEDROSO, J. P. P.; MASSUKADO, M. S. **A relação entre o jeitinho brasileiro e o perfil empreendedor:** interfaces no contexto da atividade empreendedora no Brasil. In: ENCONTRO DE ESTUDOS

SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 5, São Paulo, 2008. **Anais...** São Paulo: EGEPE, 2008.

ROSA, A. R. Relações raciais e estudos organizacionais no Brasil: dimensões esquecidas de um debate que (ainda) não foi feito. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 36, Rio de Janeiro, 2012. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.

ROSSONI, L.; ONOZATO, E.; HOROCHOVSKI, R. R. . **O Terceiro Setor e o Empreendedorismo Social: Explorando as Particularidades da Atividade Empreendedora com Finalidade Social no Brasil.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 30, Salvador, 2006. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

SACHS, I. Inclusão social pelo trabalho decente: oportunidades, obstáculos, políticas públicas. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 51, 2004.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 217–226, 2000.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico:** uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SERVIÇO DE APOIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS DA BAHIA – SEBRAE – Programas e Projetos. Disponível em: <<http://www.ba.sebrae.com.br>>. Acessado em: 30 abr. 2008.

SMITH, D. A.; LOHRKE, F. T.
Entrepreneurial Network Development:
Trusting in the Process. **Journal of
Business Research**, v. 61, p. 315-322,
2008.

TEIXEIRA, C. Community resources and
opportunities in ethnic economies: a case
study of portuguese and black
entrepreneurs in Toronto. **Urban Studies**,
v. 38, p. 2055-2077, 2001.

TSUI-AUCH, L. S. Unpacking regional
ethnicity and the strength of ties shaping
ethnic entrepreneurship. **Organization
Studies**, v. 26, p. 1189-1216, 2005.